

O Estágio do Espelho na Literatura

Ricardo Cruz
Membro participante da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Bahia

No romance *Um Defeito de Cor* (Editora Record, em 6a. Edição, 952 pgs.), da mineira Ana Maria Gonçalves encontramos, precisamente o que poderíamos tomar como um bom exemplo do júbilo de uma criança escrava, quando pela primeira vez se vê diante da própria imagem refletida num espelho. Só que a criança em questão, já então pelos seus nove anos de idade, jamais tinha visto um espelho na vida. Em dado momento afirma a personagem: “Eu já tinha me visto nas águas de rios e de lagos, mas nunca com tanta nitidez” (pg.85). Sua história (mistura de real e ficção, a partir de manuscritos resgatados em uma igreja de Itaparica, conforme conta a autora no prefácio do seu livro) começa por volta de 1816 quando, aos oito anos de idade, ela e sua irmã, negrinhas gêmeas – ditas ibêjis –, são capturadas no Daomé por traficantes de escravos e metidas no bojo escuro e infernal de um navio negreiro rumo ao Brasil.

Na agônica travessia do Atlântico morre a irmã gêmea, Taiwo – nomeada assim por ser das gêmeas “a nascida primeiro” – e Kehinde, a narradora na história – por ser “a nascida por último” –, tida por ela, Kehinde, a outra metade de seu espírito, alma, ou emi, de acordo com a tradição e a crença religiosa iorubá. Já na Cidade de Salvador, onde são desembarcados os africanos sobreviventes, Kehinde, logo a seguir foi posta à venda e adquirida por um certo José Carlos Gama, senhor de escravos. Como os nomes próprios africanos não eram aceitos nem permitidos, bem como qualquer traço identificatório familiar, religioso ou cultural dos negros,

Kehinde foi batizada Luísa Gama, e com este nome cristão passou a ser chamada, o sobrenome adotado do seu amo, como era o costume. “Fiquei sendo Luísa Gama, mas sempre me considerei Kehinde” – afirma.

Este “sinhô” José Carlos dentre outras atividades era baleeiro, pois explorava além de engenho de açúcar, a pesca e captura de baleias no litoral baiano. Possuía casa grande e senzalas na Ilha de Itaparica, para onde Luísa, ou melhor, Kehinde, foi levada para trabalhar e conviver com os outros escravos. Põem-na a serviço da sinhazinha Maria Clara, filha do tal Gama, que tinha mais ou menos sua idade. É, no início da história, tomada por esta como mero objeto de companhia, e sendo escrava, sem desejo próprio, com o qual a garota branca podia brincar, dispensar, rejeitar, dengar, espancar, enfeitar, desfeitar, a seu bel prazer. Kehinde, Luísa, deverá sempre estar de prontidão para atender, sem reclamar, os caprichos infantis da sinhazinha, considerada pelos outros escravos que cuidavam da família portadora de “bom coração”, como tinha sido para eles todos a mãe da menina, já falecida. A garota branca tem “lindos cabelos da cor de milho” que Kehinde, Luísa, não cansa de pentear e alisar. Tem belos olhos azuis, vive arrodada do que havia de melhor em matéria de conforto. Em certo momento mostra-lhe seu quarto, amplo e arejado, a espaçosa cama em que dorme. Porém Kehinde, Luísa, dada a hora, recolhe-se, como todos os outros escravos, na “pequena senzala”, e sua cama não passa de uma estreita esteira sob o chão da senzala. “O chão era de barro alisado, mas muito limpo sobre o qual estavam estendidas algumas esteiras”, pg. 76 – descreve.

No seu imaginário, dias após a serviço da sinhazinha Maria Clara, Kehinde – elas brincam,

a negra penteia-lhe os cabelos, se encanta com as bonecas e com tanta roupa bonita que vê num guarda-roupas – julga-se já “parecida” fisicamente com a garota branca e loura. Entra então em cena Esméria, escrava que toma a seu cargo a educação de Kehinde, Luísa, por quem esta se afeiçoa. Educa-a em tudo o que é ou não permitido fazer ou dizer, e, principalmente a temer e evitar os castigos. Não é permitido dentre outras coisas falar sua língua africana, o irubá, nos domínios do “sinhô” José Carlos, muito menos na casa-grande da família; logo Kehinde, Luísa aprende a se expressar em português. Esméria preocupa-se com aquela entrega desmedida da aprendiz para com a sinhazinha, e vive lhe corrigindo a fala, comportamentos e atitudes espontâneas pois corre o risco de ser castigada. Parece perceber a confusão imaginária e afetiva em que a pequena escrava se encontra, e lhe apresenta um espelho, neste ato colocando-se imediatamente a seu lado. Eis o relato descritivo de Kehinde, Luísa:

“Logo à entrada, ao lado da porta, um outro móvel com guarda-chuvas e capas de chuva, chapéus de todo os tipos, cores e tamanhos, luvas, e o que eu mais gostei, um espelho. Desde que me olhei nele pela primeira vez, não consegui passar um único dia sem voltar a fazê-lo sempre que surgia a oportunidade. A Esméria parou na frente dele e me chamou, disse para eu fechar os olhos e imaginar como eu era, com o que me parecia, e depois podia abrir os olhos e o espelho me diria se o que eu tinha imaginado era verdade ou mentira. Eu sabia que tinha a pele escura e o cabelo duro e escuro, mas me imaginava parecida com a sinhazinha. Quando abri os olhos, não percebi de imediato que eram a minha imagem e a da Esméria paradas na nossa frente. Eu já tinha me visto nas águas de rios e de lagos, mas nunca com tanta nitidez. Só depois que deixei de prestar atenção na me-

nina de olhos arregalados que me encarava e vi Esméria ao lado dela, tal qual via de verdade, foi que percebi para que servia o espelho...

Eu era muito diferente do que imaginava, “e durante alguns dias me achei feia, como a sinhá (a segunda esposa do sinhô José Carlos) sempre dizia que todos os pretos eram, e evitei chegar perto da sinhazinha.”

O que chama atenção neste parágrafo em que Kehinde, Luísa, é apresentada ao espelho, é a postura da escrava Esméria, assumindo exatamente a posição da mãe (postiça) ao colocar-se ao lado da pequena criança escrava diante do espelho, o que resulta na experiência da identificação ao Outro. No que pese o registro de Lacan de que a experiência se dê com a criança de colo, de até seis meses de idade, ressalta: “o filhote do homem, numa idade em que, por um curto espaço, mas ainda assim por tempo, é superado em inteligência instrumental pelo chimpanzé, já reconhece não obstante como tal sua imagem no espelho” (O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu, in Escritos, pg. 96, Jorge Zahar Editor).

Ora, a personagem Kehinde, Luísa, na construção da autora Ana Maria Gonçalves, pequena selvagem africana, já antes dos oito anos de idade, época em que foi capturada, após assistir o brutal extermínio de sua família, nos informa, efetivamente, seu completo desconhecimento do objeto espelho. Apenas reconhecia-se, ao perambularem, ela e a irmã gêmea, no reflexo de pouca nitidez captado na superfície dos rios e dos lagos africanos. Entendemos ainda que Kehinde, Luísa, ao ser brutalmente amontoada no porão soturno de um navio negreiro, juntando-se à multidão de outros negros capturados, homens e mulheres a espremerem-se naquele espaço de desgraças, sofrera, como menor dos males, a mais completa devastação de seu ser. Assistiu a morte da avó, capturada na mesma

ocasião, e a da própria irmã, a metade de sua alma, ambas lançadas ao mar, e estas mortes se afiguram também como a morte simbólica de tudo o que representava a África para ela, suas lendas e mitos, seus ícones sagrados, seus Orixás, suas lembranças familiares; destituída dos seus registros simbólicos, e até do próprio idioma com o qual se expressava, pois a partir do momento em que foi escravizada, tudo deveria ser esquecido, todo um passado teria de ser morto e sepultado. Assim, Kehind, Luísa, veio renascer aos 8-9 anos, pequena escrava a serviço de sua sinhazinha, num outro mundo, o mundo dos brancos, outra ordem simbólica à qual teria de submeter-se. Até então, ah, terror infinito, brancos para ela não passavam de devoradores da carne negra, pela qual tinham gastronômica preferência, e, na sua imaginação infantil, via-se todo o tempo sendo devorada num banquete, servida como se fora “carne de carneiro”!

Diante da espécie de júbilo e surpresa pela descoberta do espelho, de identificar sua verdadeira imagem refletida nele, enxergando-se ao lado de Esméria a fazer-se de mãe, da qual transitoriamente tornara-se dependente, até mesmo para alimentar-se, tão impotente se tornara, podemos considerá-la, até aquele instante, devastada, e por via da regressão, uma pequena e brutalizada infans – e este é momento importante na história pessoal dela, porque graças ao processo identificatório, Kehinde, Luísa, aos poucos torna-se enfim Kehinde, recupera seus registros simbólicos, seus ícones identificatórios, mais tarde, além do português, aprende a expressar-se também em inglês, retornando, adulta e liberta, à África, em busca da confirmação de suas raízes e de sua história pessoal.

Podemos aqui concordar – ou não – com Lacan quando escreve: “A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulha-

do na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o (eu) se precipita numa forma primordial, antes de objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito.” (O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu, in Escritos, pg. 97, Jorge Zahar Editor).